

## ENTREVISTA

### *Mitos Arturianos*

Com **Prof. Dr. José Carlos Ribeiro Miranda**

Departamento de Estudos Portugueses e  
de Estudos Românicos, Instituto de  
Filosofia, Faculdade de Letras,  
Universidade do Porto, Portugal.

[www.seminariomedieval.com](http://www.seminariomedieval.com)  
[seminariomedieval@gmail.com](mailto:seminariomedieval@gmail.com)

Principais livros publicados:

*Conto de Perom, o melhor cavaleiro do mundo*. Porto: Casa do Livro, 1994.

*A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*. Porto: Granito, 1998.

*Galaaz e a Ideologia da Linhagem*. Porto: Granito, 1999.

*Aurs Mesclatz ab Argen. Sobre a primeira geração de trovadores galego-portugueses*. Porto: Guarecer, 2004.

**Brathair (B):** *Qual foi o grande impacto originado pelos mitos arturianos na literatura medieval ibérica, e em particular, na portuguesa?*

**José Carlos Ribeiro Miranda (JCRM):** A literatura arturiana constitui um muito vasto manancial não apenas de mitos, mas sobretudo de narrativas e de textos na acepção mais material do termo. Por isso, avaliar a dimensão da recepção dos mitos implica que antes se identifique a textualidade que os transmitiu o que, como se sabe, não é tarefa fácil e muito menos consensual. Uma das razões dessa dificuldade reside nas incertezas em torno de uma possível fase oral da circulação desses textos (ou em combinação com suportes escritos que não sobreviveram) que poderá ter sido responsável por uma primeira vaga de contacto do Ocidente ibérico com as narrativas arturianas entre os finais do séc. XII e os meados do séc. XIII. Aí falamos essencialmente dos contos que se centram na figura de Tristan que podem ter deixado vestígios pontuais em alguns trovadores e na primeira redacção da *Lenda de Gaia*, como foi já indiciado há anos por Maria do Rosário Ferreira. É também possível que um acontecimento que teve lugar na década de 1220 em Portugal – o alegado rapto de Elvira Anes da Maia por Rui Gomes de Briteiros –, vindo posteriormente a ter repercussões em todo o mundo trovadoresco peninsular, possa ter sido literariamente elaborado tendo em mente o exemplo tristaniano. Publicaremos em breve um ensaio tentando mostrá-lo com mais detalhe.

A partir da segunda metade do séc. XIII, com a comprovada tradução dos vastos romances do ciclo em prosa em ambiente português, o processo de recepção ganha uma outra dimensão, conquanto me pareça que, numa primeira fase, o conhecimento desses textos, atestado pelas alusões que lhes são feitas por trovadores anteriores a 1350, só

muito raramente se traduziu numa recepção activa, reveladora de verdadeira assimilação. Ou seja, não é visível, ao longo dos últimos anos do séc. XIII e todo o séc. XIV, qualquer processo, literário ou não, que identifique uma real disseminação dos grandes temas arturianos pela sociedade e pela cultura do Ocidente ibérico.

Na raiz desta situação está, provavelmente, o facto de o ciclo arturiano, sobretudo com a imponente adquirida pelo tema do Graal, fazer prevalecer a identificação da cavalaria com a linhagem e justificar esta com o recurso a uma legitimação divina, processo que não encontraria muito eco nos meios portugueses. A obra de D. Pedro, Conde de Barcelos, verdadeiro monumento da primeira metade do séc. XIV, que ultimamente vem sendo objecto de sucessivas abordagens, é a esse respeito reveladora. Nem aí nem na cronística primitiva, nem nos mais antigos livros de linhagens vemos qualquer tipo de sensibilidade a esse paradigma, que só viria a ter verdadeiramente algum eco no contexto do séc. XV. É então que vemos alinhar-se um conjunto significativo de alusões (ainda muito pouco estudadas em todas as suas consequências, aliás) a personagens e episódios do romance arturiano em prosa por parte de cronistas como Lopes, Zurara, Pina ou o anónimo autor da *Crónica do Condestabre*. Num livro de linhagens inédito do séc. XVI, alude-se a famílias que adoptaram, no século anterior, quase exclusivamente onomástica arturiana!

Entretanto, é necessário que se diga que a investigação nesta área ainda nem mal arrancou, havendo muito a pesquisar não só em Portugal mas também no centro da Península.

**B:** *Grande parte dos mitos arturianos foram devedores de um passado céltico (a exemplo da narrativa do rei Artur, de Tristan e Isolda, de símbolos e mitos provindos da oralidade dos tempos pagãos das ilhas britânicas). Podemos considerar que estes elementos foram preservados na literatura medieval portuguesa?*

**JCRM:** Os mitos arturianos preservam-se nos romances do ciclo arturiano em prosa cuja tradução foi, tanto quanto os estudos têm revelado, de uma fidelidade extraordinária aos originais franceses. Tanto para a *Estória do Santo Graal* (mais tarde infelizmente designada "Livro de José de Arimateia"), como para o *Livro de Galaaz* (designação medieval primitiva posteriormente substituída por "Demanda do Santo Graal") e para o *Livro de Lancelot* (preservado em manuscrito castelhano único com ligações precisas e únicas aos restantes romances do ramo português), é possível comprovar uma inserção segura em ramos conhecidos da tradição manuscrita francesa. Os fragmentos do *Livro de Tristan* e do *Livro de Merlin*, conquanto de pequena dimensão, permitem extrair as mesmas conclusões. Apenas as versões impressas em Castela no séc. XVI apresentam já certa degradação textual (*Demanda del Santo Grial*) ou possível reformulação (*Baladro del Sabio Merlin*). Assim, a forma já por vezes muito racionalizada, e reorientada no sentido da mundividência cristã, que esses mitos possuem no romances do ciclo em prosa é, em Portugal, rigorosamente a mesma que foi conhecida um pouco por toda a Europa medieval.

Uma vez mais é necessário ressaltar que a recuperação e adaptação de mitologia arturiana tanto na escrita historiográfica como no romance medieval, cujo exemplo mais conhecido será o *Amadis da Gaula*, está fundamentalmente por estudar de uma forma sistemática.

**B:** *O cinema e a literatura contemporânea costumam representar as "mulheres arturianas" como intrépidas e destemidas guerreiras, mais fortes e corajosas que o mais valoroso cavaleiro. Se atentarmos para as fontes medievais, as descrições destas*

*mulheres são sempre submissas e passivas. Qual a sua opinião para essa reapropriação pela arte?*

**JCRM:** De facto, filmes como "Excalibur" desenham uma Morgana terrível, muito para além da já ousada e perversa mulher que surge no romance em prosa. Aliás, usando da liberalidade que lhe é própria no tratamento dos temas que escolhe, a sétima arte funde personagens e altera-lhes o carácter ao sabor das necessidades e dos gostos pessoais de cada realizador. Neste caso, Morgana recolhe ainda alguns traços da Dama do Lago na versão da *Suite du Merlin*, em que esta personagem usa perversamente contra o velho mago, serodidamente cativado pelos seus encantos femininos, os poderes que ele lhe transmitira.

Creio que alguma tradição misógina ainda se faz sentir nos tempos de hoje quando se torna necessário fazer crer que tudo aquilo que é repulsivo e mau tem obrigatoriamente por trás uma mulher a mexer os cordelinhos. Daí o exagero, por vezes até a caricatura. Conquanto o cinema e a recriação romanesca sejam capazes de realizar bons produtos, escapa-lhes com muita frequência a subtileza e as implicações não imediatamente visíveis das personagens e das acções que interpretam nos textos medievais.

Há todavia uma outra tendência na reescrita literária contemporânea que consiste em reinterpretar os enredos arturianos demasiado à luz da raízes célticas que inegavelmente possuem. Essa atitude acaba por devolver às personagens femininas de referência um perfil de primitivas e poderosas deusas que, manifestamente, o romance dos séculos XII e XIII já tinha, pelo menos, eufemizado...

**B:** *A versão portuguesa da narrativa de Tristão e Isolda pode ser considerada apenas uma "tradução" das narrativas francesas ou ela possui alguma especificidade que a distingue, tais como personagens ou passagens que não estão nas matrizes?*

**JCRM:** Como disse inicialmente, é necessário considerar duas fases na divulgação da matéria tristaniana: numa primeira, o herói é um jovem desafiador da ordem instituída, não hesitando em recorrer às artimanhas e ao disfarce para se apoderar da bela Iseu. Sendo predominantemente oral, ou efectuada por meio de textos actualmente perdidos, apenas poderemos dizer que os conteúdos veiculados não deviam afastar-se muito do que está contido nos fragmentos em verso de Beroul ou Thomas, não sendo de excluir contaminações com enredos afins provenientes de outras narrativas.

O herói do romance em prosa da segunda fase de difusão da matéria tristaniana, cuja circulação terá, pelos dados até agora apurados, ultrapassado largamente qualquer dos outros romances arturianos, já perdera, no entanto, grande parte desse potencial desafiador da ordem instituída, para enfileirar antes na longa galeria dos heróis cavaleirescos cuja proeza, mesmo que nem sempre virtuosa, contribuía para o engrandecimento do mundo arturiano. O Rei Marc da Cornualha transforma-se num carácter tão velhaco que o desafio que lhe é lançado por Tristan acaba por se achar quase justificado.

Infelizmente, como é sabido, do *Livro de Tristan* galego-português sobreviveu apenas um pequeno fragmento, o que nos impede de ir mais longe na apreciação do romance, embora, como dissemos atrás, não seja de presumir que se afastasse muito do que se pode ler nas versões francesas preservadas, nomeadamente na contida no ms 757 da BN de Paris. O *Tristan de Leonís* publicado em Castela no séc XVI não descende do ramo que circulou no Ocidente ibérico.

**B:** *As paixões adúlteras de Isolda e Tristão e Guinevere e Lancelot que estão representadas em várias narrativas medievais, podem refletir apenas atitudes sociais, ou em sua opinião, conteriam algum tipo de significação imaginária ou simbólica mais profunda?*

**JCRM:** Certamente, ambas! O adultério da Rainha era sempre uma situação narrativa tensa, provocadora de grande impacto, e uma das razões para isso ser assim era a evocação de memórias colectivas arcaicas em que a rainha era uma das várias figuras da Deusa dispensadora de soberania, cujas atenções se repartiam alternadamente pelos homens cuja função guerreira estimulava. O reinvestimento simbólico feito pelo romance arturiano, transformando a rainha no centro da disputa pela supremacia social (quase diremos: "institucional"...), a que se entregam realeza e cavalaria, só adquiriu verdadeira eficácia porque a esta última significação, a que era imediatamente reconhecida, se veio juntar aquela outra, mais arcaica, que permaneceu todavia activa como pano de fundo ou sedimento arcaico de memória.

Creio, todavia, que o adultério da rainha Guenièvre, no *Livro de Lancelot* do ciclo em prosa mais até do que no inicial *Chevalier de la Charrette* de Chrétien de Troyes, se revelava já muito inaceitável no ambiente cultural e político ibérico do séc. XIV, que foi uma época de recomposição dos poderes monárquicos e de procura de equilíbrios sociais por parte daqueles que se identificavam com o grupo cavaleiresco, ou seja, a nobreza. Por isso, a imagem do confronto com a realeza protagonizada por Lancelot, seguida de contrição e arrependimento e, novamente, de decisivo e definitivo confronto, era certamente excessiva, e isso acabou por se reflectir no facto de o *Livro de Lancelot* ter sido aquele cuja circulação foi menos intensa, nem mesmo sendo certo se chegou a conhecer alguma versão em galego-português.

Como dissemos atrás, o adultério de Tristan era muito mais integrável no ambiente social aristocrático do final da Idade Média. Além de permitir manter intacta a exemplaridade cavaleiresca de que a Península se nutriu abundantemente durante este período, o enredo tristaniano escapava também às excessivas imposições ascéticas do Graal para acabar em chave trágica com a dignificante morte dos amantes às mãos de um rei covarde e sem mérito. Deste modo, compreende-se bem que, apesar dos infortúnios da não preservação em Portugal de uma tradição manuscrita consistente, o romance de Tristan tenha tido, entre nós como em toda a Europa, uma divulgação considerável, a ajuizar pelas várias referências que lhe foram sendo feitas ao longo dos tempos e pelas atestações indirectas da sua presença.